

da Silva, Luizete Vicente; Vidal Nunes, Márcia
Mídias negras: um espaço de produção do ativismo da juventude negra Kalunga através
do uso das novas tecnologias
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 15, núm. 35, julio-diciembre, 2017, pp. 63-
86
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631768749012>

Mídias negras: um espaço de produção do ativismo da juventude negra Kalunga através do uso das novas tecnologias

*Luizete Vicente da Silva*¹
*Márcia Vidal Nunes*²

RESUMO

O artigo tem como objetivo apresentar um esboço sobre os desdobramentos metodológicos da pesquisa de mídias negras que analisa o processo de produção sociopolítico do ativismo digital através do uso do aplicativo Whatsapp pelo grupo Juventude Negra Kalunga. Observando como se desenvolve a apropriação do conteúdo produzido, por meio da militância, pelo uso das novas tecnologias, como ferramenta de articulação e mobilização deste grupo. Por meio da etnografia, a pesquisa observará uso de um aplicativo pelo grupo, compreendendo as interações sociais, as possibilidades que esse novo dispositivo tecnológico oferece aos membros e descrever como as relações sociopolíticas podem proporcionar a produção do ativismo negro.

PALAVRAS-CHAVE

Juventudes; mídias sociais; ativismo digital; movimento negro.

Black media: a space for the production of Kalunga black youth activism through the use of new technologies

ABSTRACT

The article aims to present a sketch on the methodological developments of the black media research that analyzes the process of sociopolitical production of digital activism through the use of the Whatsapp application by the group Black Youth Kalunga. Observing how the

¹ Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Estácio do Ceará (Estácio/FIC) e especialização em Gestão Estratégicas em Políticas Públicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

² Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1983), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1991) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1998). Atualmente é professora titular aposentada, atuando como professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, através do PROPAP/UFC (Programa Especial de Participação de Professores Aposentados da UFC).

appropriation of the content produced, through militancy, through the use of new technologies, develops as a tool of articulation and mobilization of this group. Through ethnography, the research will look at the use of an application by the group, understanding the social interactions, the possibilities that this new technological device offers the members and describe how the socio-political relations can provide the production of black activism.

KEY-WORDS

Youth; social media; digital activism; black movement.

Introdução

Certa vez, entramos num sebo do centro de Fortaleza. Procurávamos livros sobre negritude, racismo, ações afirmativas; enfim, livros que nos ajudassem a entender sobre a população negra e os desafios que eles enfrentam. Acabamos encontrando um livro chamado *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Lendo o resumo no verso, percebemos que se tratava de uma autobiografia. Já havíamos ouvido falar dessa mulher negra, de seus livros e história de superação, mas nunca havíamos lido o livro dela. Compramos de imediato e começamos a devorar cada página. O primeiro parágrafo já começava a nos inquietar. Era a narração de sua história contada pelo repórter Audálio Dantas que, em 1958, estava na favela do Canindé, em São Paulo, preparando uma reportagem sobre um parque infantil para o extinto jornal Folha da Noite, quando se deparou com uma mulher negra chamada Carolina Maria de Jesus. Por que contamos essa história? Porque ali, sem perceber, estávamos lendo a história de vida de uma mulher negra que seria, mais tarde, nossa inspiração para escrever sobre outras histórias negras. Não sabíamos se escreveríamos sobre as histórias de vida da população negra; mas, sabíamos que precisavamos encontrar uma fórmula, um jeito de escrever sobre um grupo racial que tem suas produções, em grande maioria, vinculadas ao ideário da escravidão e discriminação. Queríamos falar sobre negritude, afirmação positiva e pertencimento que também fazem parte da cultura desse povo. Mas como contar? Como colocar, falar, o que observamos? Então lemos um trecho do livro de Jesus (1994), que dizia:

Escrevo a miséria e a vida infesta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu

escrevi a realidade. (JESUS, 1994, p. 29)

Neste momento, percebemos que a escrita seria primordial para expressar o que pensamos sobre as relações étnico-raciais, principalmente porque a escrita foi um dos meios de exploração dessa população. Temos catorze milhões de analfabetos, como mostra a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre analfabetismo. O censo relativo ao ano de 2010 aponta que a maior parte se encontra na região Nordeste, concentrando-se na população com mais de quinze anos, entre negros e pardos; ou seja, encontra-se na população historicamente marginalizada.

Foi então que começamos a pensar sobre como escrever a história desse povo. Compreendendo que a oralidade faz parte da vida e da história da população negra, trouxemos diversos questionamentos sobre o significado de nossa história. Iniciamos a militância no movimento juvenil da igreja, onde fizemos parte do “Grupo AçãoJovem” que tinha o intuito de debater sobre juventude e igreja, articulando pautas mais progressistas dentro do cristianismo, onde a luta e fé caminhassem juntas para a transformação social. Tínhamos o sonho de uma sociedade mais justa, solidária e democrática onde o ecumenismo pudesse trilhar espaços de fé e mudança. Foi um local de muito aprendizado e troca de saberes. Poder entender o significado da palavra fé para além do orar, uma fé de poder ajudar a combater as desigualdades. Esse foi o primeiro passo para encontrar outros jovens que refletiam sobre temas como o papel da mulher na sociedade, a condição do negro, a visibilidade da população LGBT, entre outras pautas que nos incomodavam.

O tema negritude inquietava-nos, ainda mais, pois faz parte da nossa vida. Nascer de uma família interracial, onde nossa mãe é branca e nosso pai é preto, e, por muitas vezes, escutar frases como “casar com preto não tem o que dar” ou “tem que casar com branco para clarear a família” - frases preconceituosas e discriminatórias sobre esse homem negro que teve de caminhar com o peso da condição de ser negro no Brasil. Vale lembrar que temos um país onde negros representam 54% da população, como apresentam os dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2014. Foi quando conhecemos um grupo de jovens que também tinham os mesmos anseios, os mesmos questionamentos, querendo discutir sobre o espaço de fala da juventude negra cearense. Esses jovens eram um aglomerado de identificações, como ser negro, gay, travesti, candomblecista, mulher e/ou

pobre que procuravam respostas para os dilemas de serem jovens negros e negras no Ceará. Esse grupo de jovens se tornou a Juventude Negra Kalunga, grupo que integramos desde 2007; há, aproximadamente, dez anos de militância e que discute sobre a condição do negro na sociedade, o seu papel na formação social do povo brasileiro e como esse ator se remodela, para responder pelas discriminações e preconceitos que vivencia. Jesus (1994) estava me dando as dicas, mas não conseguíamos decifrar. Foi então que entendemos quando ela, mais uma vez, fala:

Eu deixei o leito às 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1994, p. 52).

Entendemos a mensagem que ela estava tentando nos mostrar, a todo o momento, sobre o significado da escrita e sua importância para o povo negro. Então, vimos, no grupo Juventude Negra Kalunga, a possibilidade de analisar essa escrita "virtual", para falar sobre o ativismo negro. Mas qual metodologia utilizar? Quais métodos necessários, para tentar entender esse processo de produção sociopolítica do ativismo digital negro? São tantas as perguntas para definir uma metodologia adequada. A escritora nos apresentava à história de vida de uma mulher negra, a história de um povo, a história do povo negro. Será essa a possibilidade de produção da nossa escrita através de histórias de vida? Percebemos que os caminhos sempre nos levavam ao debate da escuta, do observar o "campo" e registrar a forma de diálogo de um povo. Tentamos, então, exemplificarmos por que a escolha do aplicativo *Whatsapp* e suas atribuições, para depois explanarmos a causa da entrada do grupo Juventude Negra Kalunga a essa tecnologia. Percebendo que as mídias sociais são, na atualidade, um instrumento que tem moldado as relações e a forma como a juventude tem-se conectado com o mundo e diferentes questões. Comunidades virtuais são criadas, (re) criadas e/ou canceladas a partir dos interesses de seus indivíduos e/ou coletivos para os compartilhamentos de informações, imagens, áudios, vídeos, entre outras formas de diálogo, com seus gêneros textuais particulares.

Os gêneros textuais na tecnologia virtual

Os gêneros textuais utilizados na comunicação, entre os usuários, são produções de um modelo de “gênero de discurso”³, elaborado especificamente para essa plataforma. Uma fala e escrita diferenciadas que serão criadas com o propósito de interação entre os membros do grupo, para diversos fins, sejam de debate sobre as relações raciais, articulações com outras pautas e movimentos, exposição de conteúdo que complementam o debate e/ou relatos de vida. Com isso, a fala e a escrita executam o importante papel de uma tipologia que auxiliará na prática social, adotando aspectos marcados pelo diálogo como forma de ultrapassar barreiras raciais, sociais, políticas e culturais. Marcuschi (2003, p. 17) diz que “a oralidade e a escrita são práticas e uso da língua característica própria, mas não tão suficiente oposta para caracterizar dois sistemas linguísticos”.

Sendo assim, elas se entrelaçam, construindo um espaço de compartilhamento a que será atribuído valores, crenças e práticas sociais entre os jovens que participam do grupo do *Whatsapp*. A linguística atribui essa forma de “gênero” muito utilizada na retórica e na literatura que terá grande força na imprensa com uma linguagem diferenciada. Sodré (2013) diz:

Então, não é possível a comunicação e o trânsito de ideias sem uma forma retórica, discursiva, expressiva, capaz de fazer a pessoa compreender. A retórica, portanto, era e sempre foi necessária para expressar a linguagem das massas no espaço público. Quando a razão é pura – por mais lógica que ela seja, por mais racional que ela seja – é mais um instrumento de dominação. A desconfiança que grandes agitadores de massas têm da razão em si mesma vão no empuxo dessa argumentação. (SODRÉ, 2013. p. 138)

Com isso, Sodré (2013) responde ao modo como a retórica é aplicada na comunicação. Uma estratégia que, inicialmente, era para acesso de um público distinto agora se torna uma ferramenta que atribui outras concepções de estilos de vida. Para compreender, ainda mais, o significado do gênero para produção de uma linguagem na comunicação, utilizamos a linha de pensamento de Bakhtin (2003, apud ZIMMER E ROSA, 2015) que entende o gênero

³ Os gêneros do discurso são um elemento fundamental no processo de produção de textos, porque são os responsáveis pelas formas que estes assumem. Qualquer manifestação verbal organiza-se, inevitavelmente, em algum gênero do discurso, seja uma conversa de bar, uma tese de doutoramento, seja linguagem oral ou escrita.

discurso como: coerções estabelecidas entre as diferentes atividades humanas e o uso da língua nessas atividades, ou seja, as concepções das práticas discursivas.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. (BAKHTIN, 2003. p.279)

São criadas práticas discursivas para o ambiente virtual que se expandiram na esfera cultural das sociedades contemporâneas, ampliando o alcance de diálogo entre pessoas, grupos, movimentos, trazendo assim informações, representações e experimentações em rede. A utilização do gênero busca apresentar uma discussão crítica em relação à possibilidade de apropriação de identidades culturais de um grupo de jovens negros que usa o *WhatsApp* para produzir informações, com a produção escrita e falada, sobre as relações raciais como modo a criar um conteúdo nas mídias sociais e, assim, efetivar a democratização dos meios. A (re)apropriação de identidade no ambiente virtual é uma abordagem sobre a representação da identidade de jovens negros e negras através do uso do aplicativo. É a obtenção de formas, linguagens e culturas das informações, como Sodré (2013) ao exemplificar o êxtase da conexão entre os sujeitos, a partir da retórica, que caracterizam os jovens negros na constante construção dos processos comunicacionais. Nela é possível criar notícias, gerar comunicação e replicá-las em outros lugares. Essa nova dinâmica possibilitou a participação desses usuários como produtores e fornecedores de informação.

O *WhatsApp* apresenta uma forma de comunicação escrita prática e econômica, possibilitando o acesso rápido e constante de participação de seus membros, sendo essa a motivação de diversos grupos utilizarem o espaço virtual para abordar seus temas e causas. É possível encontrar movimentos, grupos e/ou coletivos integrando e produzindo informações, mesmo que em menor proporção, se comparado ao gigantesco universo midiático. A intervenção política dos movimentos sociais agora une “a rua” com “a tela de um celular”, potencializando agentes que pensem estratégias de formação, organização e mobilização entre compartilhamentos, curtidas e comentários, através do *WhatsApp*. Refletir sobre essas manifestações e articulações, como um avanço para a participação ativa é, compreender que as novas tecnologias também podem ser aliadas no ativismo digital com a produção de mídias negras.

Um olhar sobre a pesquisa

Para explicar a escolha pela etnografia como metodologia, é preciso falar sobre a escolha do nome “Mídias Negras” para a apresentação do artigo e como nomenclatura que tenho utilizado em escrita e falas. A ideia nasceu com a nossa monografia, quando iniciamos o debate sobre a afirmação positiva da população negra na sociedade brasileira. Lemos sobre a “Frente de Mídias Negras de São Paulo”, grupo que nasceu em 2015, cujo objetivo era de aproximar diferentes iniciativas de mídia negra, para discutir a democratização da comunicação no país sob o prisma da questão racial, além de documentar as experiências históricas da mídia negra no Brasil. Fiquei animada com a possibilidade de discutir mídias sociais e as relações raciais. Textos, artigos, matérias com o tema “mídia negra” começam a surgir nos espaços de comunicação alternativa. Mulheres negras, juventude negra, população LGBT negra produzindo comunicação diferenciada e destacando a importância de narrativas sob a ótica da população negra. Tudo nos levava ao tema como ponto central. Caminhávamos, cada dia mais, para uma metodologia que pudesse responder a isso: a etnografia.

Mas como utilizar a etnografia na Comunicação? Lendo Oliveira (2014), compreendemos quais os passos podem ser dados para iniciar a pesquisa. Oliveira (2014) fala sobre a importância da investigação nas pesquisas etnográficas na Comunicação.

A reflexão central se guia pela indagação de que essa é uma tradição da Antropologia que os pesquisadores da Comunicação, provocados pela natureza dos objetos da comunicação, não mais identificados apenas com as mídias, mas relacionados à constituição de processos e mediações culturais, solicitam outras formas de abordagens metodológicas. É importante considerar que a mudança não está nos objetos, mas na compreensão que os pesquisadores passam a ter dos objetos em comunicação. (OLIVEIRA, 2014, p. 33)

O tema faz pensar como a etnografia pode ser um espaço de troca, mesmo sendo a observação seu ponto central, como um exercício de reflexão que tece algumas considerações teóricas iniciais que objetivam contribuir para a produção das pesquisas em comunicação. Uma compreensão social que proporciona estudar a produção de contatos, onde o observador-militante analisa a “vida diária” de um grupo, organização e/ou movimento. Sendo assim, foi apresentada a metodologia escolhida para realizar a pesquisa, utilizando dois procedimentos analíticos que se complementam, o espaço onde ocorrem as conversas do

grupo no aplicativo e que critérios serão analisados. Muito associada às pesquisas etnográficas com a antropologia, educação e a psicologia social. São conhecidas por descrever eventos de um grupo ou instituição, seus comportamentos individuais, culturais e estruturas sociais. Neste modelo metodológico, o pesquisador pode vivenciar sua pesquisa a partir da observação e da análise do trabalho. Como afirma Fetterman (1989, p.11), “a arte e a ciência de descrever uma cultura ou grupo”. Para alcançar os objetivos desta pesquisa, inicialmente verificamos as mensagens, com data, hora que foram enviadas e seus conteúdos, investigando os esquemas conceituais produzidos pelo grupo. A etnografia nos possibilitou pesquisar como o grupo Juventude Negra Kalunga utiliza o aplicativo como um gênero digital, produzindo uma linguagem própria que influencia no comportamento individual e na interação social de cada membro.

Com a chegada da internet, é possível utilizar a etnografia virtual, que investiga o consumo da mídia e suas interações sociais na web. Mattar Neto (2003) afirma que, com o desenvolvimento dos ambientes da realidade virtual, pode-se pensar em inteligência coletiva, na qual a troca de informações é, em sua essência, virtual. Vivemos um momento de avanços tecnológicos que o virtual e o real se entrelaçam criando outras realidades e a exigência pela participação ativa neste espaço aproxima pessoas em pautas comuns e cria relações interpessoais nestes espaços. Como apresenta Mitsuishi (2007, p. 3), em uma das mais influentes obras sobre o tema, ao indagar “que consiste numa análise da relação subjetiva com e através dos computadores e da Internet, isto é, numa ampla investigação sobre a maneira com que as pessoas se apropriam destas tecnologias e dão sentido ao seu uso”.

Esse processo facilitará a análise, pois a produção e pesquisa dos conteúdos são online, sem a necessidade de contato presencial e com possibilidade de transcrever as informações posteriormente, mesmo compreendendo que não é possível confirmar os aspectos sociais dos sentidos das imagens e mensagens escritas, pois não tem contato presencial. Serão analisadas as mensagens enviadas pelos membros do grupo Juventude Negra Kalunga durante o período de um ano da data de criação do grupo, utilizando os nomes reais dos membros. Assim, o pesquisador participará, de forma atenta e receptiva, observando os eventos ocorridos. Serão coletadas as conversas, imagens e/ou áudios trocados entre os membros que estão desde a criação do grupo. Além da observação do uso do aplicativo, a pesquisa contará com a entrevista que será realizada com os/as

administradores, onde será aplicado um formulário com informações sobre sua vida, a militância e o grupo no aplicativo. Desse modo, a etnografia virtual apresenta-se como a melhor metodologia para analisar as conversas do grupo no aplicativo *WhatsApp* (WA), como complementa Reis Junior (2007, p. 284), ao afirmar que “com base em índices levantados nos conteúdos das mensagens, é possível, segundo tal prática, inferir padrões e comportamentos na emissão, na produção e na recepção deles”.

Percebendo que os meios de comunicação, na maioria das vezes, tratam a população negra de forma negativa e, quase sempre, agregada a estereótipos adquiridos pelo pensamento racista, e entendendo que a comunicação deve ser uma prática diária na construção da identidade cultural dos sujeitos e que esses podem criar diferentes formas de se comunicar, é possível enxergar o aplicativo como um instrumento de difusão e mobilização dos temas deste grupo. Uma juventude que converge com a apropriação do *WhatsApp* (WA) como forma de afirmação da sua identidade negra para a constituição destas mídias negras como um canal de relacionamento, que possibilita a interação e a participação entre os seus usuários e ajuda na forma de se comunicar com os diferentes movimentos, proporcionando o debate de temas e de causas de grupos historicamente excluídos que interferem diretamente na construção identitária dos jovens e jovens dos grupos como sujeitos sociais.

Compreendemos que as mídias sociais como ferramenta de comunicação podem produzir o ativismo digital, ou ciberativismo, de maneira a se mobilizar política e socialmente os jovens negros na luta por seus direitos, e com isso modificar a forma que a sociedade reage, pensa e questiona a realidade com base nos problemas que lhes afetam cotidianamente. Thompson (1998, p. 135) declara que “vivenciamos, atualmente, uma sociedade informacional, onde a comunicação acontece em escala cada vez mais global, reordenando as noções de espaço e de tempo, através de interações entre indivíduos situados em diferentes locais”. Essa afirmação mostra como o ativismo digital vem ajudando os movimentos sociais a promover a democratização das relações sociais, pois consegue realizar seu papel na sociedade como espaço de mobilização e luta de diferentes motivações promovidas por diversos agentes, a fim de compreender as identidades, sejam elas individuais e/ou coletivas, e incluir indivíduos que se reconhecem como peças importantes nessa transformação e na luta pelo respeito aos seus direitos essenciais. O desenvolvimento dessas novas tecnologias trouxe possibilidade de criar, por meio da web, aplicativos que não são

definitivos, pois estão em constante mudança. Para Araujo Junior, Cormier e Tarapanoff (2009, p. 10), “essas mutações ocorrem na sociedade da informação, pois associam-se ao momento de transformações pelo qual passam as sociedades contemporâneas em que a informação e as tecnologias da informação e das comunicações assumem relevância no novo padrão de produção capitalista”. Assamann (2000, p. 8) ainda explica que a “[...] sociedade da informação é a sociedade que está atualmente a constituir-se, na qual são amplamente utilizadas tecnologias de armazenamento e transmissão de dados e informação de baixo custo”.

Para Vaz (1999, p. 118), “o acesso à informação é imediatamente uma questão política. [...] é uma questão de poder”. Logo, as mídias sociais representam a expansão do desejo do homem de construir um paradigma sobre a formação social da tecnologia. Esse paradigma nada mais é do que o “eu” conectado ao “nós” por meio de um computador – isso resulta na extensão de uma rede que questiona essa comunidade em formação e influencia na produção de quem detém o poder neste espaço. O excesso e o acesso permitem os usuários compreenderem que a internet não tem limites, pois não é preciso respeitar a normalidade dos atos e não se tem obrigação com os diversos grupos que compõem esse espaço.

Uma história de resistência

O grupo Juventude Negra Kalunga nasce no ano de 2007, após a chegada de alguns membros do I Encontro Nacional de Juventude Negra (ENJUNE), realizado entre os dias 27 a 29 de julho de 2007, na cidade de Lauro de Freitas, na Bahia, que teve como lema “Novas perspectivas para a militância étnico-racial”. O evento tinha como objetivo ampliar o diálogo sobre esta problemática, os direitos da juventude negra de todo o país. Na época, uma mobilização nacional de jovens negros/as foi articulada através dos fóruns de discussão na internet, reuniões e encontros estaduais preparatórios para a participação de representantes dos estados. A atividade contou com a participação de cerca de setecentas pessoas de diversos lugares do país. No encontro, foi produzido o relatório com a consolidação das propostas e resultado das discussões e deliberações ocorridas nas etapas municipais,

regionais e estaduais consolidadas e aprovadas durante o ENJUNE, do qual constam mais de setecentas propostas, divididas em catorze eixos temáticos⁴.

Segundo Ramos, que descreve sobre a experiência do I ENJUNE em sua dissertação onde discorre sobre as taxas de homicídios de jovens negros no Brasil, (Ramos, 2014, pg. 34), acredita que “No geral, o documento pode ser considerado tanto um programa de ação para a organização da juventude negra como uma agenda a ser seguida pelo Poder Público, conforme veremos adiante em entrevistas com alguns militantes”. O sociólogo apresenta um balanço do encontro que contou a representação de jovens negros de todos os estados brasileiros e os desafios que grupo etário enfrenta, no contexto brasileiro, na luta por direitos, justiça social e reconhecimento.

No Ceará, um grupo de jovens negros/as articulou a pauta, para convocar a juventude negra para a realização da etapa estadual que contou com participação de diversas pessoas. Ao retornar do encontro, os/as jovens/as negros/as sentiram a necessidade de organizar suas pautas no movimento negro, com o recorte geracional, para dar visibilidade às demandas da categoria. Esses são os primeiros passos do grupo, sem nome definido, que sentia a urgência de atuar no debate da juventude negra no Ceará. Um ano depois, o grupo é batizado com o nome de Kalunga⁵ e são criados espaços de divulgação e articulação do grupo com a sociedade através da elaboração do blog e, anos depois, o grupo entra nas redes sociais com a página no *Facebook* que culmina na chegada ao aplicativo *Whatsapp*.

Por isso, o cenário escolhido foi o aplicativo móvel utilizado pelos/as jovens negros/as do grupo Juventude Negra Kalunga, desde sua criação, em novembro de 2014, até os dias atuais, onde serão coletadas as informações para descrever, interpretar teorias sobre o grupo e construir novas conceituações sobre os acontecimentos no grupo. Observando as interfaces que permitem enviar as mensagens de texto, voz, imagens, entre outros arquivos

⁴ Os eixos temáticos do relatório do I ENJUNE: cultura; segurança, vulnerabilidade e risco social; educação; saúde; terra e moradia; comunicação e tecnologia; religião do povo negro; meio ambiente e desenvolvimento sustentável; trabalho; intervenção social nos espaços políticos; reparações e ações afirmativas; gênero e feminismo; identidade de gênero e orientação sexual; inclusão de pessoas com deficiência. (Relatório final do I ENJUNE, 2014)

⁵ Do termo multilingüístico kalunga, que encerra ideia de grandeza, imensidão, designando Deus, o mar, a morte, – o vocábulo kalunga (Deus), do verbo oku-lunga (ser esperto, inteligente), encontra-se no dialeto dos Ambóse em outros grupos vizinhos. No Ceará, o termo foi atribuído a boneca negra do maracatu. Informação retirada do site: <http://www.dm.com.br/opiniao/2015/04/kalunga-origens-e-significados-final.html>.

gratuitamente para os aparelhos celulares, e compreendendo que seu conteúdo é um imenso conjunto de instrumentos em constante aperfeiçoamento e inovação, por ser um espaço extremamente diverso e complexo que pode alterar as relações sociais de seus agentes.

Dessa forma, será observado, classificado, categorizado e selecionado para compreensão da organização do material – uma importante etapa que gera informações básicas para a produção do conteúdo. Portanto, pretende-se aprofundar o estudo com o material publicado, investigando as postagens, as conversas, os temas que mais aparecem e as atividades que o grupo divulga neste espaço.

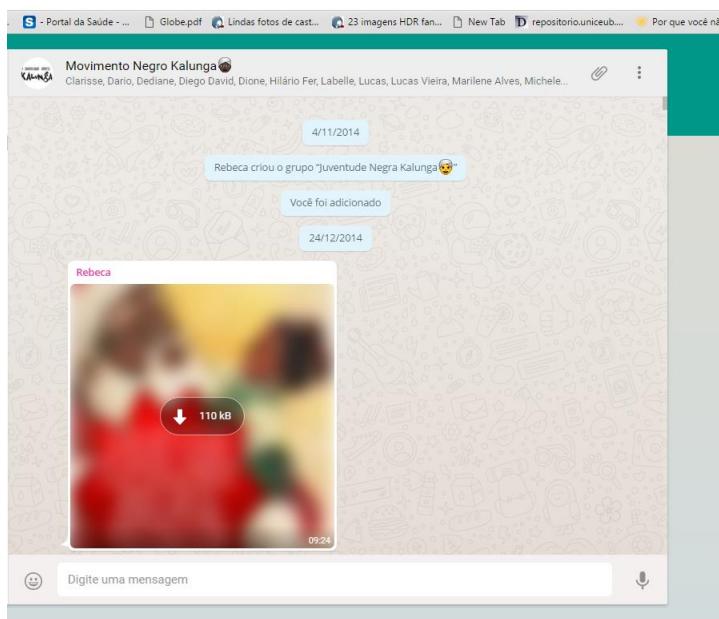


Figura 1 – Grupo criado em 04 de novembro de 2014 por Rebeca Bezerra na plataforma

A conversa inicial foi realizada com os administradores do grupo. Para isso, foi criado um questionário com perguntas abertas, informações sobre a forma de cada um interagir; e perguntas específicas, onde os administradores apresentam suas indagações sobre participação, interação e movimentação de pautas e demandas no grupo. Os administradores têm como tarefa alterar fotos, excluir e/ou adicionar membros, mediar os debates na plataforma e auxiliar, para que o debate ocorra dentro dos limites comuns estabelecidos entre os membros. A pesquisa mostra como temas transversais aparecem, a todo instante, nas conversas e debates realizados pelos membros do grupo no aplicativo. Temas que vão desde a

participação em eventos referentes às relações raciais, atividades lúdicas e/ou momentos de reflexão sobre pautas que afetam, particularmente, os jovens do grupo Juventude Negra Kalunga. Emoções que segundo Sartre (2011) é o fenômeno de atenção, de memória, de percepção, ou seja, Sartre (2011, p.18) afirma que “o homem tem emoções porque a experiência lhe ensina isso”. Sendo assim, as emoções apresentadas nas conversas do grupo partem das experiências vividas e experimentadas pela condição juvenil negra. A compreensão sobre juventude negra como lugar de fala desses sujeitos, dos dilemas vivenciados e suas demandas na agenda pública. Como Gomes (2002, p.73) acrescenta, ao indagar que “será preciso que a juventude negra grite, cante, denuncie para que a sociedade brasileira compreenda que o recorte racial nos possibilita a enxergar que os condicionamentos sociais e políticos incidem de maneira diferente sobre os jovens negros e brancos?”.

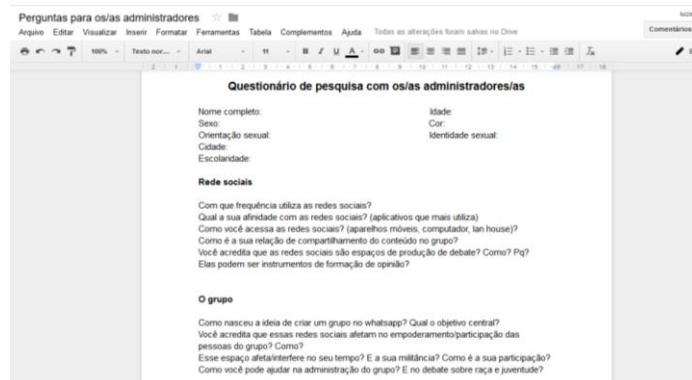


Figura 2 – Questionário de pesquisa para os/as administradores/as

A partir da observação das conversas no grupo, pudemos perceber que alguns temas se repetem tais como: visibilidade da população LGBT, mulheres negras, religiosidade, política, direitos dos trabalhadores e entretenimento. Nesta etapa, o questionário ajudou na percepção dos temas e na reflexão sobre temas determinados, como a temática das mulheres negras, que foi uma das mais repetidas. Também foi observada a interação e participação dos membros nas conversas no aplicativo. A criadora e administradora do grupo, Rebeca Bezerra⁶, diz:

⁶ Entrevista realizada com Rebeca Bezerra, administradora do grupo Juventude Negra Kalunga, em 20/02/2017.

O grupo foi criado para facilitar as nossas conversas de forma mais espontânea e rápida. Discutir sem marcar uma reunião onde os membros podem faltar, ou ir apenas dois. Mesmo que tivesse pessoa no grupo contrárias aos equipamentos virtuais, porque acreditam na participação presencial e, que concordo a, importância de encontros presenciais. Então, veio o Whatsapp crescendo que ajudou a substituir a presença, de certo modo. (BEZERRA, 2017)

Rebeca Bezerra fala o que Canclini (2003) classifica de interações globais que unem pessoas com o mesmo objetivo, seja para consumo, atividades culturais, entre outros. Canclini (2003, pg. 160) ressalta que “a dispersão geográfica das interações globais se combina com locais estratégicos, em muitos pontos do planeta, que espacializam as comunicações”. Sendo assim, é possível que as redes sociais possam auxiliar na interação, a aproximação e o diálogo de pessoas com pautas em comum.

Outro ponto importante que a administradora Labelle ForRainbow⁷ fala é sobre a criação do grupo e como o aplicativo facilitou a articulação e o diálogo entre os membros; mas também ressaltou que as conversas também seguiram outras áreas como questões pessoais e debates mais tensos. É comum em espaços virtuais a criação de normas e regras para o convívio entre os usuários como informações que podem ser compartilhadas, ou não no aplicativo. No entanto, foi percebido que o grupo não segue esse modelo sendo possível a divulgação e/ou compartilhamento de qualquer tema.

O objetivo de criar o grupo é porque a maioria já estava no Whatsapp, já usava para se comunicar, para resolver a vida, as militâncias e as lutas. E como tínhamos objetivos em comum que é o combate ao racismo e, principalmente com o foco na juventude, acabamos indo para essa ferramenta. No sentido de facilitar nossa comunicação para tentar construir os objetivos comuns, ou pelo menos identificar quais eram esses objetivos e estar mais próximos, mas acho que acabou indo para outros rumos. (FORRAINBOW, 2017)⁸.

A participação da juventude (s) negra na rede

A invisibilidade dos sujeitos sociais é o ponto de partida para compreender as funções do ativismo digital na atualidade, tentando analisar sua participação no ciberespaço. Esses agentes sociais tentaram traçar estratégias com a constituição de um discurso que ajudará na

⁷ Entrevista realizada com Labelle ForRainbow, administradora do Grupo Kalunga, em 21/02/2017.

⁸ IDEM

reprodução de sua história, linguagem e memória. Esses jovens que buscam entender seus lugares sociais de pertencimento em um grupo, tribo e/ou coletivo como espaço constituído para afirmação de sua identidade, como apresenta a reflexão de Diógenes (2011) sobre a necessidade de visibilidade desse grupo etário e das estratégias de reconhecimento de sua voz na cidade. Ela diz que “a juventude, mais do que qualquer outro segmento social, utiliza-se da estratégia de alardear sua presença na cidade, como forma de garantir um grau possível de visibilidade social”. (DIÓGENES, 2011, p.62). Ela nos mostra que a juventude é o segmento que se recusa a ideia da invisibilidade social e cultural e produzirá táticas para que sua participação na sociedade seja evidenciada.

O que ocorrerá também no espaço virtual onde essa juventude criará meios de acesso que possibilitaram sua identificação com pautas específicas a partir da utilização das ferramentas apresentadas nas redes sociais, com vídeos, imagens, textos que auxiliem no compartilhamento de conteúdos entre seus pares. As redes sociais favoreceram a visibilidade de fatos e acontecimentos relevantes para os movimentos de juventude (s), e em especial da juventude negra, que produzirá novas abordagens com o intuito de promover a afirmação de sua identidade negra. As discussões relativas às interfaces entre juventude e as mídias sociais serão consolidadas com sua participação nestes meios. Articulando temas que expressem suas características, ideias, pensamentos e reflexões sobre o mundo ao seu redor, independentemente da distância, tempo e espaço entre elas.

As novas tecnologias permitem que esses agentes desenvolvam novas combinações sociais, a partir da produção de um espaço de fusão, entre indivíduos e atividades com maior frequência. Como pensam Cogo e Bernardes (2015), ao dizer que a Internet proporcionará um espaço de pertencimento das juventudes no mundo contemporâneo. “A internet possibilita que as jovens se identifiquem com seus “grupos” de interesse e se reconheçam em seus pares. A cultura digital é, no mundo juvenil, parte indissociável das vivências de sociabilidade e de construção de identidades, e o lugar onde os jovens podem afirmar a sua existência para o outro” (COGO; BERNARDES, 2015, p.161).

A buscar por esse pertencimento digital ocasiona um esforço, permanente, da juventude negra em fazer parte de um grupo, para se reconhecer e sentir-se reconhecida pelos membros da comunidade social que partilham sentidos e ideias comuns. Assim explica Maffesoli (1998) que exemplifica o termo “grupismo” que trata da necessidade de servir ao

interesse de um grupo. Para ele a terminologia “tem o mérito de sublinhar a força desse processo de identificação, que possibilita o devotamento graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todos”. (MAFFESOLI, 1998, pg.23). Ou seja, compor um grupo é produzir uma forma de solidariedade que preza pelo interesse do coletivo. Sendo assim, o grupo no *Whatsapp* da Juventude Negra Kalunga pode ser definido como um grupo que utiliza as novas tecnologias, para possibilitar vínculos emocionais e políticos. Uma comunidade que partilha, através de símbolos e significados digitais, sua concepção sobre a temática racial. Maffesoli (1998) finaliza o entendimento sobre comunidade dizendo que

Podemos nos interrogar sobre a comunidade, sobre a nostalgia que lhe serve de fundamento, ou sobre as utilizações políticas que dela foram feitas. De minha parte, repito, trata-se de uma “forma” no sentido que dei a este termo, que ela tenha existido ou não, tanto faz. Basta que essa ideia, como um pano de fundo permita ressaltar tal ou qual realização social, que pode ser imperfeita, até mesmo pontual, mas que nem por isso deixa de exprimir a cristalização particular de sentimentos comuns. Nessa perspectiva “formista”, a comunidade vai se caracterizar menos por um projeto (*pro-jectum*), voltado para o futuro, do que pela efetuação “*in actu*” da pulsão de estar-junto. (MAFFESOLI, 1998, pg.23).

Analizando as indagações do autor, é possível pensar que a comunidade é uma forma de expressar sentidos que fortalecem os vínculos emocionais de cooperação, as relações afetivas e a vida cotidiana que compõem nesse ajuntamento social. Isso pode ser percebido na atualidade através das redes sociais que recriam esse universo afetivo, para estabelecer relações entre os agentes. As comunidades virtuais seguem como local de polarização de setores, organizações, movimentos e coletivos que trazem suas expressões, tentam se reconhecer e promover formas de relacionamentos uns com os outros. Para Paiva (2012), esse momento traz a reflexão sobre a comunidade do afeto na atualidade como forma espaço de visibilidade mesmo diante de tantas mudanças com o advento da sociedade em rede.

Seria a comunidade ainda um destino? O fato é que, diante do atual ambiente de profundo estresse e ansiedade pelo cotidiano nas grandes cidades e a incerteza com os próximos tempos, percebemos que nos encontramos virtual e definitivamente ligados e dependentes uns dos outros, como nunca deixamos de ser e como talvez nunca gostaríamos de ter sido. (PAIVA, 2012, pg.63)

Um apontamento é importante, para tentar compreender como o entrelaçamento virtual se aplica no atual momento onde o bombardeio de informações é gigantesco. O

impacto das redes digitais de comunicação, a Internet, tem trazido inquietações diversas a pesquisas no campo acadêmico que se arriscam neste ciberespaço e profundos pensamentos sobre a forma de como estamos dependentes dessa tecnologia. Mas, Maffesoli (1998) nos relembra que a “comunidade de destino” ainda é um local de compartilhamento com os outros, um espaço de ligação entre indivíduos que se ligam, historicamente, por interesses, desejos e afetos.

Isso que dizer que a multiplicidade dos grupos, fortemente unidos por sentimentos comuns, irá estruturar uma memória coletiva que, na sua própria diversidade, é fundadora. Esses grupos podem ser de diversas ordens (étnicas, sociais), mas, estruturalmente, é a sua diversidade que assegura a *unicidade* da cidade. (MAFFESOLI, 1998, p.221)

É aceitável imaginar que tanto Maffesoli (1998) como Paiva (2012) criam uma linha de pensamento sobre a “comunidade de destino” onde o intuito, em diversos momentos históricos, é criar uma conexão, uma união entre indivíduos interligados por diferentes situações. Isso na contemporaneidade é ainda mais comum com a interação na rede que se propõe a estabelecer laços apoiados nas tecnologias digitais. Ou seja, essas comunidades na rede social, como afirma Recuero (2010), são basicamente “um aglomerado de nós com maior densidade de conexões” (RECUERO, 2010, p.135). Outro ponto importante sobre as comunidades virtuais é a mudança do conceito de localidade geográfica que será alterado com a expansão da comunicação medida pela Internet. Agora, a possibilidade de interagir com mais pessoas de diferentes lugares, culturas e espaços, em um só momento (um clik) produzirá uma nova forma de perceber o mundo e outros laços sociais serão introduzidos na sociedade globalizada. Isso ocasionará a relação de agentes que desejam debater uma mesma causa social, como ressalta Moraes (2001) ao indagar que as transformações tecnológicas mudaram a forma de organização dos movimentos sociais nas comunidades virtuais.

A mega-rede pode propiciar aos movimentos sociais uma intervenção ágil em assuntos específicos, acentuando-lhes a visibilidade pública. Sem falar na constituição de comunidades virtuais por aproximações temáticas, anseios e atitudes. Elas reforçam a sociabilidade política e praticam uma ética por interações, assentada em princípios de diálogo, de cooperação e de participação. (MORAES, 2001, pg.21)

Sendo assim, Moraes explica que as comunidades virtuais serão um fenômeno que ocasionará mudanças na forma como as pessoas relacionam e auxiliará na organização de suas atividades, fóruns, mobilizações em favor de temas diversos. Percebendo isso, o grupo Juventude Negra Kalunga utilizará esse meio como ferramenta de articulação, entrelaçando as questões sociais com suas relações de afeto dentro das comunidades virtuais. Isso ocorrerá, como Cogo e Machado (2010) enfatizam, porque as redes de conexões, os movimentos sociais, e, em especial, a juventude negra, enxergaram uma possibilidade de participação ativa. Para elas,

Desde essa heterogeneidade, podemos afirmar que o movimento negro brasileiro vem se constituindo, em muitos casos, como instância descentralizada que atua em rede em contraposição às lógicas de exclusão cidadã, sem, contudo, ignorarmos que o movimento pode comportar também estruturas de poder e relações centralizadas, assimétricas e hierárquicas que caracterizam muitas das modalidades de associativismo cidadão e mesmo algumas experiências solidárias em rede. (COGO e MACHADO, 2010, p.03-04).

Por esse motivo, o movimento negro, e em especial, a juventude negra, cria estratégias para compor esse espaço de mobilização na contemporaneidade que possibilitará a inclusão de suas pautas. Isso é observado na fala dos integrantes do grupo Juventude Negra Kalunga durante as entrevistas sobre a motivação de criar um grupo de conversação no *whatsapp*. Debater sobre diversos temas do cotidiano, pautar as demandas do grupo para o período, divulgar atividades referentes às temáticas da população negra, falar sobre temas de interesse como religiosidade, solidão da mulher negra e/ou violência contra a juventude negra serão pontos que aparecem durante a observação do uso de aplicativo. Perceberemos que o grupo Kalunga, a partir dessa interação na rede, irá promover debates com o objetivo de reduzir o espaço-tempo e criar formas de encontro que possam ajudar na sua militância. Para os integrantes do grupo Kalunga, as motivações de compor o espaço virtual seguem na linha da interação entre seus membros. Grande parte dos membros afirmou na pesquisa que a entrada no aplicativo ocorreu por conta da necessidade de mais um local para discutir suas demandas com mais rapidez no retorno. Mesmo com a criação do blog, email, página no Facebook do grupo como estratégias de ter espaços de visibilidade e participação social, ainda existia o distanciamento, pois o retorno era mais demorado. Como podemos perceber na fala

de Lucas Vieira⁹, integrante do Kalunga, que explica como foi importante a entrada do coletivo nas redes sociais para tentar visibilizar as pautas da juventude negra. Ao ser perguntado sobre a motivação do grupo em entrar no *whatsapp*, ele afirma que

Eu não me recordo agora do motivo, do dia da existência do grupo, mas como qualquer outro meio a gente criou como jovens, desde que eu entrei na Kalunga sempre tinha a necessidade de se comunicar e dá um recado e a possibilidade de todo mundo ouvir o mais rápido o possível. Já passou por telefone, email, sms, três segundos (dá o toque), alguém dá o recado. Passamos por grupo de email, então eu acho que o *whatsapp* era a ferramenta que estava sendo utilizada pelo maior grupo de pessoas e era a ferramenta que a gente tinha no grupo. (VIEIRA, 2017)

Lucas aponta fatores importantes sobre a conexão da juventude negra na atualidade. Ele afirma que a organização deste grupo etário e racial segue a linha do tempo-espaco e utilizar essas redes sociais para (re)criar, (re)significar é a possibilidade de visibilizar seus temas. Uma estratégia muito comum da juventude que tentará, a todo o momento, estabelecer novas formas de diálogo na sociedade para afirmar sua identidade. Como explica Diógenes (2011), sobre a necessidade de afirmação dos jovens sobre seu local no mundo, ao dizer que “ressignificar representa reproduzir outras figurações visuais, estéticas, orais, imaginativas para conteúdos limitados, pré-concebidos, normatizados sobre si e sobre o mundo”. (DIÓGENES, 2011, pg.68). Sendo assim, a juventude negra (re)apropria- se da redes sociais para produzir conteúdos que fazem parte da sua realidade, denunciar as pautas da população negra e ainda interagir sobre as inquietações que fazem parte do seu cotidiano. Essas interações mostram que a juventude negra, assim como qualquer outro grupo do segmento juvenil, deseja criar espaços de afetos entre seus membros. Isso permeia a vida dos agentes em redes de conexões que produzem constantemente como reflexo da construção de sua identidade na web. Sodré (2015) também ressalta isso quando utiliza o exemplo do grupo Mídia Ninja e tantos outros grupos que têm visibilidade nas redes sociais na contemporaneidade. Ele fala da importância dos grupos que entraram na web com o intuito de promover um lugar de fala das minorias e enfatiza que a conexão, por meio da Internet, é

⁹ Entrevista concedida por Lucas Vieira administrador do grupo Juventude Negra Kalunga, em 23/10/2017.

um fator importante para criar relação entre agentes que estão inserindo suas temáticas na *web*.

O êxito que os meninos da Mídia Ninja e outros estão tendo nas ruas irão me dar novos ângulos, eles me disseram. Eu disse a eles que ninguém está selixando para esses novos ângulos. O sujeito está no êxtase da conexão. Não há nada mais extático, não há nada que dê mais êxtase, não há nada que dê mais gozo pessoal do que conexão. O estar juntos, o conectar-se, fisicamente, corporalmente ou tecnologicamente: essa conexão é o que importa. (SODRÉ, 2015, 142)

Percebendo isso, o grupo Kalunga também vai se inserir nas redes, criando assim uma mobilidade digital (COELHO; COSTA, 2013) que une a rua e a tela e iniciará mais um passo para o que hoje chamamos de ativismo digital. Encontrando assim nos dispositivos móveis o entrelaçamento entre a militância e Internet. Esses pontos podem ser percebidos em diferentes grupos do movimento negro que iniciaram sua transição para as comunidades virtuais e disputaram um lugar “ao sol” no grande conglomerado de relações que a *web* oferece.

Considerações finais

A escolha pelo tema juventude negra e a mídias sociais é um grande desafio. A construção a partir de estudos realizados com base na forma como a população negra¹⁰ é representada nos meios de comunicação foi nosso ponto de partida. O intuito é tentarmos compreender, agora, os discursos que os sujeitos realizam neste espaço como prática para alterar padrões e comportamento para emissão da mensagem e entender que ideologia e interesses o grupo tem na apropriação das mídias sociais com local de produção cultural, social e política.

O desafio de tornar real a construção de mídias sociais, para dar visibilidade aos grupos historicamente excluídos e oprimidos na luta por seus direitos, é significativo. Quando realizado um recorte geracional, é percebido o quanto essa população é estigmatizada e como ela não vivencia, de forma plena, sua condição juvenil por parte do Estado. Com pouco, ou quase sem acesso, às políticas públicas específicas para os jovens negros/as, eles/as tornam-

¹⁰ Segundo dados do IBGE, é o grupo formado pardos e pretos.

se vítimas da violação de vários direitos, dentre eles, o direito à comunicação.

Na comunicação, o tema é, quase sempre, apresentado com estereótipos negativos e tradicionalmente ligado ao imaginário da representação do negro e da negra na sociedade brasileira. O discurso sobre a democracia racial possibilitou a produção de práticas discriminatórias realizadas pelos meios de comunicação e contribuiu para a gravidade de atos que violam o preâmbulo da Constituição brasileira: “sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos” (BRASIL, 1988, preâmbulo).

A lógica da indústria da mídia constitui uma comunicação que possui visão unilateral referente ao grupo hegemônico de estética branca que não respeita a diversidade de representações culturais existentes na sociedade, bem como culminou nas diversas linguagens próprias da mídia, sejam elas do impresso, do rádio, da televisão ou da internet.

Compreende-se, portanto, a necessidade de analisar a criação de novas ferramentas que pratiquem o ativismo digital. Observar a explosão tecnológica que só aumenta as possibilidades de conexão entre sujeitos e grupos, com o crescimento dos usuários, com as inovações dos aparelhos eletrônicos e o acesso aos diversos públicos. A informação na palma da mão pode ser uma das formas de superar barreiras e criar um diálogo para o fortalecimento das mídias negras. Com isso, é preciso refletir sobre a participação da juventude negra no processo de visibilidade e de luta pelo fortalecimento das pautas, no que se refere à luta por direitos, como o direito à comunicação, possibilitando o diálogo e a produção de conteúdos.

Através da contextualização do aplicativo para compreender sua funcionalidade, como um tipo de aplicativo que oferece a possibilidade de interação entre usuários que apoiam causas comuns e as demandas da juventude negra, queremos analisar sobre a busca, cada vez maior, pela troca de informações e experiências que facilita a incorporação do aplicativo móvel ao fortalecimento de pautas específicas.

Referências

ARAUJO Junior, R. H.; CORMIER, P.; TARAPANOFF, K. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. In: *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez. 2009.

ASSAMANN, H. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 4. ed. Petrópolis:

Vozes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 de jan. 2017.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2014. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 de fev. 2017.

CANCLINI, Néstor Garcia. *A globalização imaginada*. São Paulo. Ed. Iluminuras LTDA, 2003.

COELHO, Patrícia Margarida Farias; COSTA, Marcos Rogério Martins. O ativismo digital: reflexões e apontamentos semióticos. Revista Digital de Tecnologias Cognitivas - TIDD PUC-SP, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Luizete/Documents/Mestrado/dissertação/para%20ler/1-ativismo_digital_reflexoes_apontamentos_semioticos-patricia_margarida_farias_celho-marcos_rogerio_martins_costa.pdf. Acesso em: 04 de dez de 2017.

COGO, Denise; BERNARDES, Márcia. Juventude, sociabilidade e cidadania: consumo e usos da internet entre jovens mulheres em uma instituição de acolhimento – Fortaleza, Ed UECE, 2015.

COGO, Denise; MACHADO, Sátira. Redes de negritude: usos das tecnologias e cidadania comunicativa de afro-brasileiros. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Luizete/Documents/Mestrado/dissertação/para%20ler/R5-1650-1.pdf>. Acesso em: 04 de dez de 2017.

DIÓGENES, Gloria. Juventude, Cultura e Violência. In: BARREIRA, César; BATISTA, Élcio (Coord.). (in) Segurança e sociedade: treze lições. Campinas: Pontes, 2011.

FETTERMAN, D. M. Ethnography step by step. Newbury Prk, CA: Sage Publications, 1989. GOMES, Nilma Lino. *Rappers, Educação e Identidade Racial. Educação Popular Afro-Brasileira*. Florianópolis: Editora Atilènde (Núcleo de Estudos Negros). 2002.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 3. ed. Ática S.A. São Paulo, 1994.

LINS, Neilton Farias Magna. Gêneros do discurso. REVISTA LETRA MAGNA. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura -Ano 04 n.06-1º Semestre de 2007.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MATTAR NETO, J. A. *Metodologia científica na era da informática*. São Paulo: Saraiva, 2003.

MITSUISHI, Yara. Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual. In: RIBEIRO, J.; BAIRON, S. (Orgs.). *Antropologia Visual e Hipermídia*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.

MORAES, Dênis de. O ativismo digital Moraes. Revista da Universidade Federal Fluminense: Brasil, 2001. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html. Acesso em: 04 de dez de 2017.

OLIVEIRA, Catarina Farias de. *ComuniCação, reCepção e memória no movimento Sem terra: etnografia do Assentamento Itapuí/RS*. Fortaleza: editora Imprensa Universitária, 2014.

PAIVA, Raquel. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. Revista Matrizes, Ano 6, – nº 1, jul./dez. São Paulo, 2012.

RAMOS, Paulo César. “Contrariando a estatística”: a tematização dos homicídios pelos jovens negros no Brasil – dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

REIS JUNIOR, F. M. O link como fator de coerência em hipertextos noticiosos brasileiros e alemães. 2007. 221 f. Dissertação (mestrado em Letras) – 51 Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SARTRE, Jean –Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: editora L&PM, 2011.

SODRÉ, Muniz. Mídia, ideologia e financeirização. Transcrição da conferência de encerramento do II Seminário História e Ideologia: mídia, dominação e resistência, proferida pelo prof. Prof. Muniz Sodré em 15 de agosto de 2013, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (transcr. Jaime Valim Mansan). <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/18591>

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VAZ, P. Agentes na rede. In: Anais do 8º encontro anual da Associação Nacional de Programas de pós-graduação em Comunicação. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

**RIF, Ponta Grossa/ PR Volume 15, Número 35, p.63-86, Julho/Dezembro
2017**

ZIMMER, Denise Raquel; ROSA, Douglas Corrêa da. Artigo da revista Travessias – pesquisa em Educação, Cultura Linguagem e Arte, Paraná, 2015.

Artigo recebido em: 03/10/2017

Aceito em: 30/11/2017